



DOI: <https://doi.org/10.26694/cadpetfilo.v15i29.5464>

A QUESTÃO DA TÉCNICA NO AMBIENTE DIGITAL EM PERSPECTIVA HEIDEGGERIANA

The issue of technique in the digital environment from a Heideggerian perspective

Renato Kirchner¹

Guilherme Vinicius Menezes Silva²

RESUMO

Este artigo objetiva demonstrar a importância do pensamento de Martin Heidegger (1889-1976) para uma melhor compreensão dos fenômenos da atualidade, tais como as novas tecnologias e o ambiente digital. Heidegger apresenta a essência da técnica como algo não técnico que acaba por atingir diretamente a humanidade numa dominação da técnica sobre o ser humano. O avanço técnico-científico ganha novo espaço e nova abordagem no fim do século XX com o nascimento da internet. Entendemos que a proposta de Heidegger pode auxiliar numa análise crítica da sociedade pós-moderna marcada pela cibercultura e o ciberespaço. A reflexão tem como pano de fundo o livro “Ensaio e conferências” que, entre outros textos, contém a conferência proferida em 1953: “A questão da técnica”. Nosso autor mais utilizado é Francisco Rüdiger, professor da UFRS e da PUCRS. Os resultados obtidos apontam que a essência da técnica presente nas novas tecnologias, sobretudo, no ambiente digital, a partir de meados do XX, tem afetado a humanidade em seu modo de ser e viver. Com efeito, o pensar técnico gera na humanidade uma grande crise na formação da sua própria identidade, assim como no seu modo de ser e de agir no mundo. Conclui-se, então, que é necessário – como afirma Rüdiger – olhar para as questões da tecnologia e do ambiente digital numa perspectiva analítica e criticamente hermenêutica. A metodologia utilizada foi a hermenêutica fenomenológica a partir de uma ampla análise bibliográfica da

¹ Doutor e mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), graduado em Filosofia pela Universidade São Francisco (USF). Professor e pesquisador da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). Diretor da Faculdade de Filosofia. Membro do corpo docente permanente da Faculdade de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião. E-mail: renatokirchner00@gmail.com

² Licenciado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (2024). Mestrando no Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da PUC-Campinas. E-mail: hesed.gui@gmail.com



temática abordada.

Palavras-chave: Filosofia da tecnologia. Novas tecnologias. F. Rüdiger. M. Heidegger.

ABSTRACT

This article aims to demonstrate the importance of Martin Heidegger's (1889-1976) thought for a better understanding of current phenomena, such as new technologies and the digital environment. Heidegger presents the essence of technique as something non-technical that ends up directly affecting humanity in a domination of technique over the human being. Technical-scientific advancement gained new space and a new approach at the end of the 20th century with the birth of the internet. We understand that Heidegger's proposal can assist in a critical analysis of postmodern society marked by cyberculture and cyberspace. The reflection has as its backdrop the book "Essays and conferences" which, among other texts, contains the conference given in 1953: "The Question Concerning Technology". Our most used author is Francisco Rüdiger, professor at UFRS and PUCRS. The results obtained indicate that the essence of the technique present in new technologies, especially in the digital environment, since the mid-20th century, has affected humanity in its way of being and living. In effect, technical thinking generates a major crisis in humanity in the formation of its own identity, as well as in its way of being and acting in the world. It follows, then, that it is necessary – as Rüdiger states – to look at issues of technology and the digital environment from an analytical and critically hermeneutic perspective. The methodology used was phenomenological hermeneutics based on a broad bibliographical analysis of the topic addressed.

Keywords: Philosophy of technology. New technologies. F. Rüdiger. M. Heidegger.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como ponto de partida e pano de fundo a tentativa de demonstrar a importância da filosofia de Martin Heidegger, em um processo de reflexão e de atualização de seu pensamento relacionados à questão da técnica e da tecnologia. A ideia sobre a questão da técnica é um dos temas que o filósofo alemão Martin Heidegger traz em sua filosofia e foi abordado em sua famosa conferência de 1953 (Heidegger, 2012, p. 11-38). Porém, a essência da técnica, por assim dizer, não é técnica. Heidegger propõe, de forma perspicaz, que não são os aparelhos de tecnologia ou as máquinas, mas o que está por trás disso que provoca algo no ser humano, atingindo diretamente sua existência, tornando-se assim um grande crítico do contexto social do século XX do qual ele mesmo fez parte e estendendo-se até os dias de hoje.

Heidegger emprega o conceito *Ge-stell*, que pode ser traduzido por "armação",



“esqueleto”, “composição” e “disponibilidade,” disponibilidade esta que estaria ligada a uma espécie de descobrimento da realidade. Ele afirma que o des-encobrir da realidade é próprio do ser, está contido inclusive no conceito original de verdade – a saber, em grego, *alétheia* – enquanto des-velamento (Heidegger, 2006, p. 282-302). Mas que a essência da técnica moderna que leva o ser humano pelo pensamento técnico a explorar a realidade pode leva-lo a perder o controle e o cuidado do cuidar, ou salvaguardar também propriamente o ser humano na escuta do ser.

A compreensão daquilo que o filósofo alemão expõe como a essência da técnica moderna pode ajudar a compreender elementos tais como o ambiente digital e toda sua multiplicidade. Fenômenos contemporâneos como as redes sociais, tão presentes na vida do ser humano, que aos poucos vai perdendo sua diferenciação com aquilo que era considerado real, isto é, o que está fora do mundo digital e vai se tornando oportunidade no mais amplo sentido da palavra.

O ambiente digital seria o novo *ethos* que forma e molda a sociedade na disponibilidade e dis-posição (*Ge-stell*) presente na chamada técnica moderna que leva a uma exploração. Exploração esta que num primeiro momento no século XX foi direcionada para a natureza, mas que inevitavelmente atingiria o ser humano dentro da lógica do pensamento técnico. Perceber a essência da técnica presente no ambiente digital e nas redes sociais significa chegar à percepção que estes podem tomar a humanidade e acabam determinando o modo de ser no mundo, sendo assim, existiria uma interferência destes meios sobre a vida do ser humano.

Mais do que nunca, na atualidade, estamos vivendo a plena dominação da técnica e do pensamento tecnológico, deixando de lado, assim, a experiência profunda da escuta do ser e da própria experiência humana na formação de sua identidade enquanto o des-encobrir da realidade e do próprio eu.

Corre-se o risco de classificar o filósofo como muitos fizeram de o filósofo da técnica. Mas isso seria tão ingênuo quanto não ler sua obra. Inicialmente, Martin Heidegger está voltado para a essência da técnica e que estaria para além da condição única e propriamente entitativa, de aparelhos ou máquinas, por exemplo. Isso porque, em última instância, nas condições de possibilidade de ser no mundo, no limite último, o ser humano tende a sucumbir e entregar-se desenfreadamente ao domínio do imperialismo da técnica



planetária (*Ge-stell*).

Para isso, o caminho proposto neste artigo consiste, num primeiro momento, compreender a questão da técnica e sua relação com o ambiente digital a partir da perspectiva heideggeriana e de autores que têm se ocupado com temáticas correlatas. Num segundo momento, considerando que a técnica tem dominado cada vez mais o ambiente digital e, com isso, tem interferido ou mesmo determinado cada vez mais nossos modos de modos de ser no mundo, procura-se refletir quanto à tarefa do pensamento enquanto exercício reflexivo permanente.

1. A QUESTÃO DA TÉCNICA: O AMBIENTE DIGITAL ENQUANTO NOVO ETHOS HUMANO

A técnica – segundo Martin Heidegger – faz parte de um processo da história ocidental. Pertence intrinsecamente à história da metafísica ou mesmo ao esquecimento do ser. Para o filósofo alemão, o esquecimento do ser ou a confusão entre ente e ser encontra na técnica um dos resultados mais evidentes e notórios, socialmente falando.

O filósofo deixa claro em sua famosa conferência de 1953 – “A questão da técnica” (*Die Frage nach der Technik*) –, que a essência da técnica, por assim dizer, não é técnica. Heidegger propõe que não são os aparelhos de tecnologia ou as máquinas, mas o que está por traz disso que provoca algo no ser humano e que isso está ligado com a vontade de poder. Para desenvolver a questão, Heidegger utiliza-se do conceito de *Ge-stell*. Em suas próprias palavras:

Com-posição, “*Gestell*”, significa a força de reunião daquele por que põe, ou seja, que desafia o homem a des-encobrir o real no modo da dis-posição, como dis-ponibilidade. Com-posição (*Gestell*) denomina, portanto, o tipo de desencobrimento que rege a técnica moderna mas que, em si mesmo, não é nada técnico (Heidegger, 2012, p. 24).

O avanço dos aparelhos, da ciência e da tecnologia se tornou dominante e, porque não, totalizante nos séculos XX e XXI. Está em jogo no historiar-se da técnica um avanço e uma dominação cada vez maior do historiar-se do próprio ser. Assim, quando menos se esperava, a humanidade deparou-se com uma nova vida pautada em elementos da essência



da técnica. Observando tal fenômeno, Francisco Rüdiger (2008, p. 9) afirma:

Observa-se, com efeito, que, conforme o tempo avançou, a tecnologia acabou se convertendo concretamente para as massas afluentes naquilo que sempre foi para a reflexão crítica mais avançada: a base para uma espécie de metafísica de nossa época. O Ocidente criou essa expressão, “metafísica”, sem jamais ter esclarecido totalmente seu significado, como fez notar Heidegger. Os tempos modernos, por sua vez, cunharam há cerca de três séculos uma outra, “tecnologia”, vítima de toda uma série de confusões e mal-entendidos não menos interessante.

Interessante como Rüdiger traz a reflexão sobre a tecnologia numa aproximação com o conceito de metafísica. A crítica que apresenta é que por séculos, aparentemente, o conceito ou o real significado de metafísica acabou ficando obscuro. E, quase inexplicavelmente, se apresenta um novo conceito: “tecnologia”. Será que até hoje a humanidade não sabe realmente o que é a tecnologia?

Muitos autores vão colocar o termo tecnologia como uma ciência geral das técnicas. E aqui encontramos mais uma vez a palavra técnica. A tecnologia seria então um aprimoramento da técnica? Uma nova realidade em que se estabelece pelo próprio querer técnico que, segundo Heidegger, não é técnico. Novamente, deve-se voltar o olhar para o que o filósofo alemão deixou para a tradição da filosofia ocidental sobre a essência da técnica.

Há uma concepção do ser humano como máquina a partir de René Descartes. O ser humano seria perfeito como uma máquina. O mundo não seria apenas um monte de átomos, mas existiria uma organização mecanicista em que cada parte ou elemento da natureza seria uma parte que se encaixa formando o todo. A partir deste momento, historicamente, começa a se estudar e a se preocupar cada vez mais com a técnica. A modernidade é marcada por esse tema, tratado por Francis Bacon, passando pelo positivismo no século XIX. Sobre isso Rüdiger (2008, p. 11) afirma:

Noutros termos, postulamos por essa via que a técnica moderna se funda num certo tipo de pensamento, cujo denominador comum é a crença de que o maquinismo pode resolver qualquer problema e satisfazer qualquer exigência do mundo, não importam a sua origem e natureza.

Heidegger afirma que o des-encobrir da realidade é próprio do ser, ou seja, está



contido inclusive no conceito mais primitivo de verdade, em grego, *alétheia* – o desvelar. Mas que a essência da técnica moderna que leva o ser humano pelo pensamento técnico a explorar a realidade perde o controle e o cuidado do cuidar, sendo também um salvaguardar próprio do ser humano na e pela escuta do ser. Nas palavras do próprio filósofo:

O desencobrimento que domina a técnica moderna possui, como característica, o pôr, no sentido de explorar. Esta exploração se dá e acontece num múltiplo movimento: a energia escondida na natureza é extraída, o extraído vê-se transformado, o transformado, estocado, distribuído, o distribuído, reprocessado (Heidegger, 2012, p. 20).

Esse movimento que o ser humano realiza na realidade atinge não somente a natureza enquanto dis-posição e dis-ponibilidade de riquezas, bens e energia, mas também o outro ser humano, isto é, a própria humanidade. Heidegger apresenta ainda uma outra preocupação – mais profunda – ontológica e metafisicamente falando: “A vigência da técnica ameaça o desencobrimento e o ameaça com a possibilidade de todo des-encobrir desaparecer na dis-posição e tudo apresentar apenas no des-encobrimento da dis-ponibilidade” (Heidegger, 2012, p. 36).

Ou seja, haveria uma crença de que tudo seria resolvido pelo avanço técnico. O avanço técnico-científico na sociedade acarretaria num progresso como era muito comum de se pensar sobretudo na Europa do século XIX. Por pelo menos um século a humanidade apegou-se a esta esperança. Quase houve uma transferência da esperança que se tinha na religião para o método científico e para a tecnocracia. Francisco Rüdiger aponta para dois fatores importantes como se percebe a seguir:

A cibercultura pode ser entendida como um campo de experiência através do qual esse fator instituinte dos tempos modernos começa a se tornar cotidiano à consciência. A formação que lhe subjaz remete a um conjunto de práticas e representações, através do qual ele se põe em vias de rotinização para o homem comum (Rüdiger, 2008, p. 11).

A experiência da cibercultura presente atualmente vai se tornando rotinização. Dois fatores importantíssimos nessa compreensão do espaço digital é o cotidiano e a consciência. E é aqui que se necessita, como afirma Rüdiger, uma fenomenologia do ambiente digital, sobretudo, das redes sociais, sendo o fenômeno que mais prende as pessoas



hoje vidradas em seus celulares. Aos poucos, tudo que diz respeito à cibercultura se torna parte do cotidiano, sem que ninguém mais se questione quanto ao modo que isso impulsiona uma existência humana. E, conseqüentemente, isso torna-se cotidiano à consciência. Esta precisa ser estudada, compreendida, pois a consciência individual e social já não é a mesma do mundo e da sociedade humana antes do advento da internet.

De fato, isso torna-se um ciclo vicioso e que, uma vez fora de controle, em última instância, passará a olhar para a própria humanidade como dis-posição e dis-ponibilidade de simplesmente se adquirir algo... Nas palavras de Heidegger (2012, p. 28):

Quando o des-coberto já não atinge o homem, como objeto, mas exclusivamente, como disponibilidade, quando, no domínio do não objeto, o homem se reduz apenas a dis-por da dis-ponibilidade – então é que chegou à ultima beira do precipício, lá onde ele mesmo só se toma por dis-ponibilidade.

Os impactos disso podem ser muito maiores do que se pode imaginar como demonstra Francisco Rüdiger numa passagem do seu livro “Cibercultura e pós-humanismo”:

Pensadores como Castoriadis e Heidegger nos ajudaram a ver que, efetivamente, a técnica depende da nossa criatividade coletiva e, em última instância, não racional. O conhecimento técnico é um fator sujeito à ação do pensar poético, inclusive na mais rigorosa tecnocracia, embora tudo isso não deva nos fazer esquecer, claro, que a luta pela sobrevivência material da espécie é um fator explicativo historicamente anterior à constituição do sentido formador da técnica (Rüdiger, 2008, p. 14).

Com efeito, há, segundo Martin Heidegger, o desenvolvimento do que ele chama de pensar e mesmo agir técnico. Assim, na atualidade, pela tecnocracia da dominação técnica ou tecnológica, estaríamos inequivocamente à mercê das conseqüências da técnica, que, por sua vez, gera novas formas de sentido a partir da técnica moderna. Rüdiger escreve a este respeito: “A crítica da técnica e do homem, embora necessária, é algo que deve se subsumir, em vez de se sobrepor à reflexão histórica e à análise da forma como se estrutura geralmente nossa existência” (Rüdiger, 2008, p. 15).

O resultado disso é uma humanidade perdida que, dominada pela vontade de poder, expressa tão fortemente na técnica moderna e no pensamento técnico, está habituada apenas

a olhar para todos os entes como meios de dis-posição e dis-ponibilidade. Heidegger vai dizer:

Entretanto, hoje em dia, na verdade, o homem já não se encontra em parte alguma, consigo mesmo, isto é, com a sua essência. O homem está tão decididamente empenhado na busca do que a com-posição pro-voca e explora, que já não a toma, como um apelo, e nem se sente atingido pela exploração. Com isto não escuta nada que faça sua essência ex-sistir no espaço de um apelo e por isso nunca pode encontrar-se, apenas, consigo mesmo (Heidegger, 2012, p. 30, destaques no original).

Ainda na esteira da hermenêutica heideggeriana, Rüdiger (2016, p. 47) afirma:

Heidegger entendia por tal uma interpelação ao mesmo tempo coletiva e anônima que nos é feita para confiar nosso destino que se consubstancia via avanço da tecnologia maquinística, destacando que este processo contém pelo menos dois aspectos principais. A clausura a que a armação nos conduz, ao nos tornar prisioneiros desta tecnologia, foi, pelo menos por um tempo, pensada por ele em conexão com os conceitos de maquinação e experiência vivida (cf. Heidegger [1936- 1938] 2015). O primeiro dá conta da paulatina renúncia à criatividade poética e artesanal que tem lugar em nossa era, a ascensão de uma ordem cada vez mais autômata, anônima e sistêmica, assegurada por um mesmo aparato tecnológico. O segundo, subordinado ao primeiro e que interessa mais diretamente ao estudioso dos fenômenos de mídia, é o consumo da experiência vivida processada por muitos de seus dispositivos.

Temos aqui, então, a vigência da essência da técnica – segundo Heidegger, da *Ge-stell* –, desta armação citada por Rüdiger. A dominação, isto é, a “armação” que foi apresentada como clausura, é o que determina a dominação tecnocrata disfarçada de uma tecnologia democrática que aprisiona a vida do ser humano a ela, tendo várias consequências e sendo uma delas apresentada por Rüdiger, a saber, a perda da criatividade poética ou o que Heidegger chamará de pensar poeticamente (Heidegger, 1998, p. 79-83). Esta dominação ou clausura aprisiona o ser humano, deixando-o cada vez mais acostumado a pensar tecnicamente, segundo o consumo da experiência vivida por meio dos dispositivos tecnológicos.

Francisco Rüdiger afirma que, se historicamente o processo de evolução dos primeiros computadores tinham fins militares e de estar sempre um passo à frente do inimigo em uma Guerra, como foi o caso na Segunda Guerra Mundial, o problema está na



mudança dos dispositivos para as máquinas ou os algoritmos, como ele mesmo assevera:

O problema surge, porém, quando também o comportamento social e mental de seres humanos é [por eles] representável, calculável e programável: estando então diante de uma concretização de visões de terror das modernas utopias negativas (Rüdiger, 2002, p. 18).

O ambiente digital seria, então, o novo *ethos* que forma e molda a sociedade na dis-ponibilidade e dis-posição (*Ge-stell*), presente na chamada técnica moderna e que leva a uma exploração constante e ininterrupta. Exploração esta que, num primeiro momento, em meados do século XX, foi direcionada para a natureza, mas que inevitavelmente atingiria o ser humano no âmbito da lógica do pensamento técnico (Han, 2018).

Uma vez que acontece esse reflexo do digital no real, inevitavelmente, a humanidade começa a olhar para o outro também de forma midiática e como possibilidade de adquirir algo. Aqui podem aparecer diversos problemas como a perda da alteridade, a perda da identidade. E o mais preocupante, na visão do Heidegger, já não se tem mais uma humanidade que se reconheça como existente no tempo e na história (Heidegger, 2006). Como aqueles que são entes privilegiados, seja pela própria relação social ou com os demais entes, seja pela própria capacidade reflexiva do pensamento poético (Heidegger, 1998, p. 79-83). Atualmente, então, se estaria vivendo a dominação da técnica e do pensamento tecnológico. Assim, o ser humano corre o risco de lado a experiência profunda da escuta do ser e da própria experiência humana na formação de sua identidade enquanto um constante re-des-encobrir da realidade e do próprio eu.

Neste modo de pensar técnico e no grande avanço tecnológico dos séculos XX e XXI, principalmente tratando-se da internet e do ambiente digital, é como se houvesse um apelo ou uma solicitação do ambiente digital ao ser humano que atinge diretamente seu ser, seu eu. Rüdiger afirma a este propósito: “perguntamos até onde o sujeito das referidas situações realmente se converte em um outro, até onde o eu cancela a legalidade que a história lhe conferiu, dissolvendo-se nas relações que lhe solicita o ciberespaço” (Rüdiger, 2002, p. 23).

Assim, na medida em que houver o dissolver do próprio eu estaria nascendo uma nova subjetividade? Sendo a própria subjetividade do ser humano como que convocada por uma solicitação ou espécie de chamado ou convocação do ser? Entretanto, tal convocação



não pode ser dos aparelhos ou aparatos tecnológicos, senão da essência da técnica.

Desde Descartes e Hobbes, com a visão mecanicista do corpo humano, juntamente com a concepção de ciência como domínio da natureza e emancipação do indivíduo de Francis Bacon, ocorreu o desenvolvimento da chamada técnica moderna predominante atualmente. Seria esse chamado do digital à subjetividade humana uma tal emancipação do indivíduo? Para alguns, sim, numa época do chamado pós-humanismo, em que não haveria a menor possibilidade sem esse avanço técnico-científico!

Por isso, há no ciberespaço um ambiente que possibilita uma nova formulação da própria identidade. Identidade que, no século XXI, é muito menos dualista ou determinada como foi por séculos. Não perceber a participação da tecnologia nestas mudanças sociais significa fechar os olhos para o cerne em questão, na medida em que, segundo o filósofo alemão, o *Da-sein* enquanto ser-aí está continuamente a se renovar e reinventar, sendo que o sentido do ser está juntamente em jogo nele mesmo. Nas palavras de Heidegger em “Ser e tempo”:

O ser-aí não é apenas um ente que ocorre entre outros entes. Ao contrário, ele se distingue onticamente pelo privilégio de, em seu ser, isto é, sendo, *estar em jogo* seu próprio ser. Mas também pertence a essa constituição de ser do ser-aí a característica de, em seu ser, isto é, sendo, estabelecer uma relação de ser com seu próprio ser. Isso significa, explicitamente e de alguma maneira, que o ser-aí se compreende em seu ser, isto é, sendo. É próprio deste ente que seu ser se lhe abra e manifeste com e por meio de seu próprio ser, isto é, sendo. *A compreensão de ser é em si mesma uma determinação de ser do ser-aí.* O privilégio ôntico que distingue o ser-aí está em ele ser ontológico (Heidegger, 2006, p. 48, destaques no original).

Rüdiger sugere que, diante das possibilidades que o ambiente digital oferece ao ser humano, isso deve ser analisado, estudado, compreendido na atualidade. Em suas palavras:

Na internet, as pessoas estariam descobrindo a possibilidade de construir suas identidades se ajustando às outras. A tecnologia conteria o poder de transcender a consciência solipsística, que funda o conceito moderno de sujeito. [...] resultado principal, socialmente falando, é a paulatina mudança nas concepções vigentes sobre como se estrutura e funciona nossa subjetividade (Rüdiger, 2002, p. 100).



A própria concepção de subjetividade de toda uma tradição ocidental e filosófica se dissolveu quase que por completo na pós-modernidade, conforme o próprio Zygmunt Bauman (1925-2017) já tinha apontado (Bauman, 2001, p. 12). Mas o que interessa, neste caso, é a participação das novas tecnologias e da internet nesse processo do ser humano pós-moderno. Pois aqui estaria nascendo uma antropologia da cibercultura, reconhece Rüdiger em seu livro “Elementos para a crítica da cibercultura” (Rüdiger, 2002, p. 103).

A questão não é a pluralidade existente na atualidade como uma espécie de libertação de fantasmas do passado e tabus históricos que foram criados. O problema está no quão perigoso pode ser para o eu pós-moderno se não houver uma mediação crítica e reflexiva de sua existência ou inexistência dentro do ambiente digital. Num outro contexto, Heidegger já alertava:

A questão decisiva agora é a seguinte: de que modo podemos domar e controlar as inimaginavelmente grandes energias atômicas e, assim, assegurar à humanidade que tais energias colossais, subitamente, em qualquer parte – mesmo sem ações bélicas –, não fogem ao nosso controle, “não tomam o freio nos dentes” e aniquilem tudo? (Heidegger, 2000, p. 19-20).

É aqui que é necessário entender a dominação que a essência da técnica moderna pode exercer sobre o indivíduo de modo que o eu se perca tentando se encontrar no mundo digital. A este respeito, afirma Francisco Rüdiger (2002, p. 105):

[...] desenvolvendo a hipótese de que as tecnologias de comunicação puseram em movimento um processo cujo resultado é a virtual erosão da noção de eu (*self*) e a concomitante disseminação da consciência de que a identidade individual é criada e recriada através de nossos relacionamentos. [...] “as relações (sociais) passarão a ocupar a posição central que teve o eu individual durante os últimos séculos da história ocidental”. [...] No final, a sociabilidade surgida com a multiplicação de contextos vitais dessa espécie dá lugar a um eu relacional: então, o indivíduo desenvolve a consciência de que se o eu é uma ilusão e ele mesmo não é mais do que a soma de suas relações com os outros.

Como ele afirma, o eu estará – a partir do mundo em rede – hiperconectado e a existir apenas nas relações com os outros (Rüdiger, 2013, p. 122-129). Embora



positivamente a internet ajude a sociedade a entender a pluralidade da existência, ela pode ser prejudicial à formação da identidade dos indivíduos, principalmente na fragmentação deste sujeito, que se antes com Descartes era fixo, agora é múltiplo e transitório nas redes sociais. Desse modo, enquanto ser-aí, para usar a linguagem heideggeriana, o ser humano pode ter múltiplos perfis nas redes, pode inclusive, em cada “lugar” do ambiente digital, ter um outro eu que não seu eu mesmo.

Rüdiger descreve tal fenômeno como fragmentação do eu, ou do parcelamento da alma. E é daí que pode surgir da cibercultura o aspecto patológico. É importante lembrar que não é porque as pessoas têm múltiplos perfis nas redes sociais que elas sejam doentes, mas existe sim uma porcentagem que adocece por esse mergulho na cibercultura (Moromizato *et al.*, 2017, p. 497-504).

Com efeito, a Organização Mundial da Saúde (OMS) incluiu, em 2018, o vício em jogos eletrônicos entre jovens e crianças como distúrbios mental, passou a integrar a lista da 11ª Classificação Internacional de Doenças, de acordo com o site da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais (Bueno, 2020). Contudo, o filósofo germano-coreano Han afirma que, quando procuramos um médico, somos impelidos a narrar aquilo que sentimos para procurar a cura. E, citando Walter Benjamim, afirma que não é absurda a ideia de que a narrativa poderia curar toda doença, uma vez que ela é a capacidade de o espírito superar a contingência do corpo (Han, 2021, p. 48; Kirchner; Vicente Junior, 2022, p. 699-704).

Entretanto, importante ressaltar que o caráter virtual não é algo próprio da internet, sendo algo da capacidade racional e abstrativa do ser humano. As pessoas podem desenvolver bipolaridade ou múltiplas personalidades mesmo sem a internet, da mesma forma que podem lidar bem com a criação de vários personagens de si mesmos. Um exemplo disso é Fernando Pessoa, o autor criou vários heterônimos, sendo ele mesmo em suas obras literárias, mas ninguém diria que o poeta é um doente esquizofrênico por seus múltiplos personagens.

Quando se vive num ambiente totalmente novo e inovador como o virtual ou do ciberespaço, os limites de uma vivência ética estão sendo descobertos e construídos com o passar dos anos. Em poucas palavras: “Na internet, você é o único limite” (Rüdiger, 2002,



p. 118). Atualmente, nas primeiras décadas do terceiro milênio, já se fala em limites na liberdade de expressão presente na internet e até mesmo existem leis de crimes digitais. Mas isso acontece agora justamente porque a humanidade aprendeu com os erros que aconteceram no ambiente digital durante as primeiras décadas do século XXI em que a regência do existir e de ser naquele “lugar” era apenas o eu.

Justamente nesta contraposição entre o digital e o real, que, ao atingir a esfera mais profunda do ser humano na formação da sua identidade, Rüdiger diz: “A tendência à sublimação da realidade no espaço virtual criado pela rede colide com a prova de realidade que a vida nos impõe” (Rüdiger, 2002, p. 118). Tal fenômeno se apresenta como parte de algo maior. Em seu livro “Elementos para a crítica da cibercultura” Francisco Rüdiger escreve:

A expansão do ciberespaço representa antes de mais nada um fenômeno inscrito nas tendências históricas e circunstâncias sistêmicas que governam a contemporaneidade. [...] Nesse sentido, a referida expansão constitui processo que, segundo cremos, medeia a se apoia sobretudo em nossa inclinação, socialmente criada, de vivermos nossas fantasias de modo puramente interno, mental ou subjetivo, ainda que cada vez mais mediado mercantilmente (Rüdiger, 2002, p. 119).

Muito embora todo o avanço das novas tecnologias e do ambiente digital esteja permeado pelo aspecto mercantil do capitalismo, tornando isso um produto cada vez mais atraente, o que interessa aqui para nossa reflexão é o ponto crucial da relação do ciberespaço ou da cibercultura com o indivíduo. E nesse ponto Rüdiger é bem enfático, quando aponta para conceitos como sublimação, fantasias: “A fantasia é o que move as relações online” (Rüdiger, 2002, p. 119).

Acontece um processo em que a relação do ser humano com as máquinas se dá como cópia das relações sociais. E, neste caso, carrega um triplo sentido. Primeiro, a relação que um jovem hoje tem com seu celular é tão afetivo quanto ou até mais do que relação que ele tem com qualquer amigo. Nesse primeiro ponto é uma relação direta afetiva com os meios para o acesso ao ciberespaço. Esses, por sua vez, são os aparelhos que são como portas para a vida do outro lado. O celular é hoje mais do que uma outra pessoa com quem me relaciono, ou seja, ele é como parte do meu corpo que atinge até o conceito de extensionalidade corporal ou de corporalidade extensional. O segundo ponto é uma relação

que aqui acontece muitas vezes de forma inconsciente do sujeito com os algoritmos que rege o funcionamento hoje das redes sociais. É algo muito curioso, porque por passar tanto tempo conectado aos algoritmos conhecem o sujeito, às vezes, até melhor do que a própria mãe. O algoritmo sabe, de certo modo, do que o indivíduo gosta, e não somente isso, mas lhe oferece aquilo que ele gosta cada vez mais. Ele mostra as páginas a seguir, as pessoas que combinam com seu perfil, entre outras mil coisas ou possibilidades. O terceiro e último ponto é a relação daquele que usa as redes sociais com outros usuários. Isto é, finalmente, e aqui é importante refletir, porque essa interação entre as pessoas por meio do ciberespaço acaba ficando depois da relação afetiva com os aparelhos e com o próprio sistema de funcionamento, o algoritmo. Essa relação com os outros neste espaço é também permeada com um mecanismo de recompensa de autoalimentação do próprio sistema. O outro tem sua importância para movimentar, nas palavras atuais, engajar – curtir, comentar, compartilhar etc. Resumidamente: “As fantasias egoístas que criam, para mim, o outro online” (Rüdiger, 2002, p. 119).

Segundo Rüdiger, então, aqui está posto através do processo humano imaginativo, aquilo que a filosofia chama de simulacro, ou seja, “as pessoas se tornam mestres do autoapresentação e autocriação” (Rüdiger, 2002, p. 119). Ressalta, assim, um sujeito narcisista que é alimentado dentro do amplo mundo da cibercultura. E aqui, inclusive, há movimentos que apontam para a violência. Afirma Rüdiger:

Embora seja temerário fazer generalizações, as pesquisas disponíveis sugerem que os contratos virtuais, senão estimulam, ensejam a certas pessoas serem mais abertamente agressivas ou menos controladas do que o são na vida cotidiana. A tecnologia, no caso, relaxaria os mecanismos de contenção aprendidos pelo homem civilizado ao longo de um vasto processo histórico, bem estudado por Norbert Elias (Rüdiger, 2002, p. 121).

É extremamente conhecido e tem se tornado cada vez mais comum todo tipo de violência nas redes. E a reflexão é importantíssima, porque, aparentemente, ali no ambiente virtual, as pessoas tendem a ser mais agressivas ou menos escrupulosas? O eu, sua identidade construída com o auxílio do *ethos* social, da família, da escola, é moldada também por aspectos morais bem estabelecidos, socialmente falando, daquilo que é



aceitável. A violência, o desrespeito, a intolerância, o racismo, o preconceito são hábitos que já foram condenados socialmente em pleno século XXI. Contudo, sempre reaparecem na história e neste momento têm reaparecido dentro do ambiente virtual, muitas vezes, por pessoas que reproduzem esse tipo de discurso de ódio para se sentirem seguras e protegidas por trás de seus perfis ou aparelhos eletrônicos.

Os mecanismos de contenção social também estão hoje nas redes sociais para se evitar esse tipo de coisa, mas, como já bem sabemos, nem sempre foi assim, principalmente se tratando das primeiras décadas da chamada era digital. O bordão que se criou e existe até os dias atuais já não mais tão real de que “a internet é terra sem lei”. O que fica perceptível aqui, numa perspectiva de analítica existencial, é que o sujeito, por escolha própria, já pratica tais atos ilegais e sente com o ambiente digital uma espécie de libertação das amarras morais presentes fora do virtual. Sente que a rede tende a liberar os sujeitos de certas coações sociais internalizadas (Rüdiger, 2002, p. 122). Para Rüdiger, isso é ambíguo, havendo uma linha muito tênue entre um movimento histórico de mudanças nos aspectos morais, tanto para o bem quanto para o mal.

Aqui se instaura dentro da cibercultura um *modus operandi* dos sujeitos nas redes sociais, sendo conhecida como a cultura do cancelamento. Cancelar alguém nas redes sociais é o mesmo que riscar essa pessoa da existência daquele mundo muito restrito dos seguidores daquele determinado indivíduo. As pessoas hoje têm medo do cancelamento nas redes assim como tem medo de ser assaltadas na rua. Lembrando sempre que a vida que se tem ou que muitos desejam ter nas redes é permeada por um sistema de recompensas como já foi dito! Ter mais seguidores, mais curtidas, mais visualizações, tudo isso alimenta o algoritmo para que ele entenda que o perfil daquela pessoa é considerado como algo relevante para aqueles seguidores. Assim, aumenta a possibilidade de uma possível fama, de que a pessoa se torne famosa nas redes sociais, assim como também o olhar das grandes marcas que estão voltados para patrocinar certas pessoas que se encaixem em tudo que foi dito anteriormente.

Outro fator preocupante é que, ao tornar-se escravo da vida dentro desse simulacro que é a rede social, corre-se o risco de perder cada vez mais o contato físico de afeto com parentes e amigos. Onde, muitas vezes, aparentemente uma curtida numa foto pode ser até mais importante do que um abraço. Há famílias que já não conversam dentro da própria

casa, pois cada indivíduo está preso à sua existência que não está sendo aqui no real, mas está sendo no virtual. Rüdiger (2002, p. 124) aponta:

Interação não é o mesmo que solidariedade, porque essa é muito mais do que o contato momentâneo e individualista permitido pelas novas tecnologias de comunicação. [...] [Neste caso] o que envolve as pessoas são [apenas] as conexões temporárias, que não produzem qualquer consequência tangível naqueles tocados por tais laços flutuantes.

Byung-Chul Han também afirma nesse sentido:

A comunicação digital, em contrapartida, torna uma descarga de afetos instantânea possível. Já por conta de sua temporalidade ela transporta mais afetos do que a comunicação analógica. A mídia digital é, desse ponto de vista, uma mídia de afetos (Han, 2018, p. 15).

Solidariedade e afeto nas redes é sinônimo de interação ou, na linguagem atual, engajamento. O contato é frio, porque relações na verdade se traduzem por conexões no ambiente digital. Conexões temporárias e que não são capazes de produzir aquilo que é tão caro à experiência humana, o que Heidegger vai chamar das “tonalidades de afetos”, tão importante na formação e na fundação do ser-aí. Pela linguagem, o ser-aí expressa e entra no mundo dos afetos, estando presente até mesmo nas expressões artísticas que, segundo Heidegger, estariam ainda mais próximos da escuta do ser (Heidegger, 2006, p. 189-245).

Com efeito, na experiência da tradição heideggeriana, o ser-aí é uma constante mudança do vir-a-ser. Todo ser humano não é, ele está sendo o tempo todo. Faz-se presente aqui também todo um olhar muito cuidadoso e de importância de Heidegger aos pré-socráticos, sobretudo a Parmênides e Heráclito (Heidegger, 2006, p. 282-302). Rüdiger nota que esse movimento constante da existência que é ex-sistir, um movimento sempre para fora está também presente no ambiente digital na relação com o outro: “o outro não é realmente outro, mas apenas um momento do meu próprio vir-a-ser (*self-becoming*)” (Rüdiger, 2002, p. 127). Nesse encarcerar-se no eu em uma espécie de aprisionamento Rüdiger (2002, p. 127) escreve:

Continuando centrados em si mesmos, os internautas, pelo menos em sua maioria, não conseguem abrir-se ao outro; deixar-se contaminar pelo



inusitado dos encontros com as diferenças. Continuam sós, com a sensação narcisista de estarem convivendo socialmente. Eles vão em busca de si mesmos. Vivem do diálogo consigo mesmos.

Trata-se de um constante buscar a si mesmos, tentando sempre salvar-se de si mesmos, como um cachorro que corre atrás do próprio rabo. Inúmeros usuários das redes sociais caem na cilada de um certo narcisismo como já foi mencionado; perdendo os encontros com o outro, com as diferenças que são importantíssimas na formação da identidade, da sociedade de um real desenvolvimento de uma alteridade. Há sempre, como afirma o mesmo autor, o risco de as pessoas realmente acreditarem que estão se relacionando e convivendo socialmente por “conversarem” e se “relacionarem” com tantas e tantas pessoas que também estão online, isto é, estão conectadas. Mas, principalmente, pela diminuição e até mesmo ausência de encontros reais, olhares, abraços, apertos de mão, pois podem estar apenas num monólogo consigo mesmas.

Ainda sobre essa autoconsciência cega, Francisco Rüdiger (2002, p. 129) afirma:

A conquista da autoconsciência tendeu a ser, até agora, correlata à perda do sentido de comunidade, pois a modernidade procedeu a um parcelamento da alma do indivíduo. Desde que se delineia seu processo de afirmação, acontece de as organizações não terem o que fazer com várias partes restantes do eu, quando é esse o caso, acabam satisfazendo apenas parte das necessidades globais do indivíduo.

Interessante que diante dessa autorreferência do sujeito no ambiente digital, ao delinear sua afirmação, acontece o esperado, a incapacidade de preencher todas as lacunas ou espaços deixados pela própria existência. Há a incapacidade do ciberespaço de satisfazer, de dar sentido, plenamente a todas as necessidades humanas. Se não totalmente, então, satisfazendo apenas parte destas necessidades que é de se esperar. Assim, acontece, com o passar do tempo, uma espécie de redução ou encolhimento existencial. O reducionismo do ser-aí como caminho de perda de mundos, uma vez que, segundo Heidegger, o ser-aí é criador de mundos por meio da linguagem, que não é apenas a fala de um indivíduo, mas o corpo e todas as expressões humanas. A esse respeito Rüdiger (2002, p. 130) afirma:

As conexões dominantes as segmentam de acordo com interesses especializados, pressupondo, na base, átomos sociais egoístas e



egocêntricas. Funcionando de modo a conter as tendências à ruptura da sociabilidade, a cibercultura liga sujeitos atomizados, porque forçados a se dispersar socialmente; cada vez mais segmentado, o homem tende a reduzir a um ponto abstrato, descobrindo-se um ente em si mesmo só e distinto: simultaneamente, como a única fonte de valor e como um vazio, para o qual a vida, cada vez mais, existe como aquele conjunto abstrato de possibilidades tão bem retratado literariamente por Musil.

Há a redução da existência que é ampla, múltipla, cheia de experiências. Redução do indivíduo a quase que um átomo. O ser humano torna-se um átomo, suas ações átomos sociais egocêntricas. A internet seria o que liga estes sujeitos atomizados fechados e perdidos em si mesmos. Cada vez mais ensimesmados onde a vida é uma completa ausência de sentido. Contudo, não porque estaria sendo impulsionado no niilismo positivo nietzschiano em que há uma valorização do humano demasiado humano. Porém, um vazio em que a humanidade tende cada vez mais a se reduzir, como dito acima, num ponto de existência distraída e abstrata.

Francisco Rüdiger constrói um caminho que aponta para uma dissolução do eu ou da própria identidade do indivíduo ao ser diretamente afetado pela cibercultura. Até que, num determinado momento, ele aponta para uma desconstrução do que até então havia dito:

Recentemente, verificou-se entre os pensadores sociais da modernidade uma reação às teses sobre a perda de sentido do eu na era virtual, conforme defendida pelos filósofos da técnica. O resultado das 14 tecnologias informacionais sobre o eu não é, segundo os primeiros, a sua dispersão, mas uma mudança de natureza. A profusão de relações e imagens com que o homem se vê confrontado não o dissolve como entidade coerente. Acontece antes de ele ser aberto por elas em grau que as faz terem um papel cada vez maior em seus processos de formação como indivíduo (Rüdiger, 2002, p. 131).

Isso merece toda uma atenção pela grande complexidade que envolve. Uma vez que está afirmando que, apesar da percepção psicológica de fragmentação da identidade ser verdadeira o meio digital, no fim, não consegue dissolver o sujeito inteiramente enquanto entidade que ex-siste enquanto ser-aí, sendo sempre já num mundo de sentido de ser e viver. Assim, em termos de linguagem heideggeriana, o ente humano enquanto realidade ôntica da existência temporal é indissolúvel. Ele é sempre um ser-aí real e concreto, portanto, não



simplesmente a existir jogado no mundo como um ser simplesmente dado ou meramente ocorrente (Kirchner, 2022, p. 115-131).

Rüdiger chama a atenção para um outro ponto muito importante: está aparente dissolução do ente ou a dissolução da sua identidade num completo perder-se de si, já acontece antes mesmo da abertura que o ser humano encontra no ambiente virtual. O que seria isso senão o pensar técnico que já estava vigorando socialmente desde os tempos de outrora? Além disso, o mais complexo filosoficamente é a afirmação de que não é a dispersão do eu, mas uma mudança de natureza. O que ocorre em realidade é uma mudança consubstancial, uma mudança, no fim, ontológica. E é justamente por isso que se faz mais que necessário o conhecimento de uma analítica fenomenológico-existencial, como propõe Martin Heidegger no mais alto grau de sua filosofia (Heidegger, 2006). Rüdiger continua:

[...] um plano menor do fato de que esses estilos, certamente criados por nós mesmos, não só são prisioneiros da forma mercadoria como se caracterizam por uma fragmentação, estreiteza e volatilidade que, ao invés de ajudar os indivíduos a desenvolverem livremente sua identidade, podem ser também um fator de agravamento das tendências à sua desintegração substantiva (Rüdiger, 2002, p. 131).

Na esteira da tradição heideggeriana, Byung-Chul Han afirma: “Assim como o espectador em um estágio é um ninguém, o cidadão eletrônico é um ser humano cuja identidade privada foi psiquicamente dissolvida por meio da solidão excessiva” (Han, 2018, p. 28 *apud* McLuhan, 1978, p. 174). Han ainda complementa:

O *homo digitalis*, em contrapartida, apresenta-se frequentemente, de fato, anonimamente, mas não é um ninguém, mas sim alguém, a saber, um alguém anônimo. O mundo do *homo digitalis* aponta, além disso, para uma topologia completamente diferente. São estranhas a ele espacialidades como estádios ou anfiteatros, ou seja, lugares de reunião de massa. [...] Eles são, antes de tudo, *Hikikomori*³ isolados para si, singularizados, que apenas se sentam diante da tela. Mídias eletrônicas como o rádio reúnem pessoas, enquanto as mídias digitais as singularizam (Han, 2018, p. 29-30).

³ Segundo nota do tradutor Lucas Machado, *Hikikomori* é um “termo japonês que se refere de modo geral a pessoas entre 15 a 39 anos que, visando evitar o contato com outras pessoas, removem-se inteiramente da sociedade. De fato, o termo em japonês *Hikikomori* significa, literalmente, “isolado em casa” (HanAN, 2018, p. 29; a respeito deste novo fenômeno social, conferir também artigo importante de Domingues-Castro; Torres, 2018, p. 264-272).



Fica mais claro então que pode haver uma dissolução, não do ente, mas do ser do ente. Uma desintegração que, quando se observam as crises e as patologias, tende-se a pensar que o esfacelamento é do ente, enquanto na realidade é do ser. Cabe aqui dizer que tal confusão entre ente e ser, para Heidegger, já está presente há muito tempo na história da filosofia ocidental. Perceber isso nas ciências humanas no século XXI é também reafirmar o que já havia sido dito pelo filósofo alemão em numerosas conferências e preleções, hoje em dia já praticamente todas publicadas e traduzidas para diversas línguas.

Como toda a análise não é material, isto é, nem mesmo da matéria dos aparelhos tampouco da matéria humana, Rüdiger vai chamar atenção para o que está ou estaria por trás de toda a técnica. Esse questionamento já estava presente no início dos anos cinquenta, especialmente na conferência “A questão da técnica”, como já apresentado. Assim, Rüdiger escreve:

[...] precisa partir da consideração do contexto de relações desiguais de poder que influencia nossas intenções e, portanto, que filosofias, ideologias e discursos são transformados em tecnologia e por essa via são naturalizados socialmente (Rüdiger, 2002, p. 132).

2. A TAREFA DO PENSAMENTO ENQUANTO EXERCÍCIO REFLEXIVO PERMANENTE

Nessa análise da técnica e seu avanço é preciso sempre trazer à luz o contexto em que a humanidade se encontra. E como a técnica também influenciou a mudança em escala global. Com a internet e através dela a globalização tomou tamanha proporção inimaginável no século XX. A produção capitalista Também se beneficiou com as vendas online. Além do compartilhamento de dados na rede muito utilizados pelas grandes empresas, assim como as novas formas de monetização e pagamentos com moedas inteiramente digitais. De que forma as ciências humanas – principalmente, a filosofia e, ainda mais especificamente, como proposto pela filosofia de Martin Heidegger – podem acorrer na devida medida ao mundo pós-moderno? Com certeza, à luz da filosofia, sobretudo com Heidegger, é possível pensar e refletir a técnica, as novas tecnologias não por elas mesmas, mas pelo que sempre



está por trás dos dispositivos técnicos e tecnológicos. Exatamente por isso, Rüdiger chega a falar em ideologias ou filosofias que se tornam tecnologias. Assim, procurando compreender o problema que é de ordem ontológica, Rüdiger vai dizer:

Poderia é certo haver a aclimação da nossa crise de identidade na consciência do indivíduo, a realização da profecia nietzscheana do artista, do livre jogo dionisíaco com as identidades; mas também pode ser que, por isso mesmo, o indivíduo, sempre que se fizer presente, insista em descobrir quais podem ser seus caminhos como singularidade qualitativa (Rüdiger, 2002, p. 134).

Poder-se-ia crer que estaria a se cumprir na humanidade a profecia feita por Friedrich Nietzsche (1844-1900). O livre jogo da identidade que não é composta de uma única natureza, mas de duas. Apolínea da ordem, das regras e das virtudes e dionisíaca da desordem, das festas, dos prazeres, dos vícios. Seria o ser humano, na visão de Nietzsche, muito mais plural do que se imagina. Assumir sua humanidade com tudo isso que ela carrega no humano demasiado humano para que na vontade de potência ou vontade de poder se chegue ao além-do-homem (*Übermensch*).

Segundo Martin Heidegger, Nietzsche, assim como os pensadores anteriores da história do esquecimento do ser, acaba dando uma resposta ao ente, mas ainda assim é uma resposta metafísica que aponta para um sentido que, em suas palavras, só pode ser compreendida pelo pensamento. Nesse sentido, Vânia Kampff afirma:

Na linguagem da metafísica moderna, “vontade” e “querer” não se referem apenas ao fato de a capacidade da alma humana se expressar pela vontade do querer, mas que o ser em sua totalidade possui a sua essência através da vontade. Essa manifestação do ser como vontade só pode ser compreendida através do pensar (Kampff, 2017, p. 75-76).

Para Heidegger, a questão do ser desaparece na filosofia de Nietzsche e a verdade só é tolerada como manutenção da vontade de poder. Ainda nas palavras de Kampff:

O ser tornou-se um mero vapor, tão desvalorizado que desaparece diante da vontade de poder. Por outras palavras: Nietzsche não equipara mais ser e verdade como valores supremos; para ele, a verdade é apenas tolerada na medida em que é considerada como um valor indispensável à manutenção da vontade de poder (Kampff, 2017, p. 83).



Esse caminho – que para Heidegger é um declínio – apresenta uma vontade de poder que continua querendo a si mesma, sendo o eterno retorno do mesmo o ápice do niilismo e que a vontade de poder busca eternizar-se querendo a si mesma. Aqui se daria a consumação da metafísica e o fechamento da história do ser.

Contudo, qual a ligação da vontade de poder com a técnica? Segundo Vânia Kampff, “é a vontade que dá a medida para a dominação e determina que só é real aquilo que pode ser objetificado” (Kampff, 2017, p. 84). É a técnica que, na contemporaneidade, objetifica. Objetificação que atinge o ser-aí no processo de se reconhecer na formação da própria identidade enquanto ser-aí existente no tempo e na história (Heidegger, 2006).

Nesse sentido, continuaremos seguindo as leituras e interpretações realizadas por Francisco Rüdiger. Sobre o fenômeno da internet ele afirma:

No final do século XX, também se encontra esboçado, porém, um outro estágio avançado desse processo de racionalização tecnológica da existência, cujo foco não é mais a economia, a política ou mesmo a produção cultural, mas, mais diretamente, o próprio modo de ser humano (Rüdiger, 2007, p. 70).

Acontece, assim, a racionalização tecnológica da existência. Na linguagem de Heidegger, o pensar técnico atinge toda a existência e inevitavelmente a existência da própria humanidade. Atinge de tal forma o ser-aí que produz, além de toda cultura da cibercultura, e passa a produzir o próprio ente humano, isto é, passa a produzir modos novos de ser no mundo. Isso é um processo histórico como afirma novamente Francisco Rüdiger:

A cibercultura é o movimento histórico, a conexão dialética, entre o sujeito humano e suas expressões tecnológicas, através da qual transformamos o mundo e, assim, nosso próprio modo de ser interior e material em dada direção (cibernética). [...] “que vai além da visão orgânica e não tecnológica do homem proveniente da Antiguidade Clássica, do Renascimento e do Iluminismo” (Tofts; JONSON; Cavallar, 2002, p. 3 *apud* Rüdiger, 2007, p. 71).

Além de histórico é um processo dialético. Tal dialética ocorre entre o sujeito e as novas tecnologias. Esse choque afeta a humanidade tanto materialmente quanto no próprio modo de ser. Estaria então posto, desde o fim do século XX, uma estrutura cibernética. Primeiro, como estrutura social e, depois, como estrutura do próprio ser do indivíduo.



Rüdiger escreve a este respeito:

Decididos a evitar o formalismo abstrato que tanto vitima a filosofia da técnica contemporânea, a conclusão a que chegam em seus estudos é a de que a tecnologia é, às vezes, determinante do processo histórico e da formação da vida social. No caso, seria isso que estaria ocorrendo sobretudo agora, quando a técnica tende a se tornar menos uma coleção de instrumento do que o principal elemento definidor do ambiente em que vivemos (Rüdiger, 2007, p. 88-89).

A técnica moderna que começa pouco a pouco por meio do nascimento da internet e das novas tecnologias ligadas a ela define o ambiente em que a humanidade passa a viver. Até mesmo as gerações são diferentes, pois, dos que nasceram antes da era digital para os chamados nativos digitais, parece haver cada vez mais uma enorme diferença e distância em seus modos de ser e agir. O mundo não é o mesmo de quem viveu a infância e adolescência dos anos setenta e oitenta em relação às crianças e jovens do século XXI.

Referindo-se ao livro de André Lemos, “Cibercultura, tecnologia e vida social”, Francisco Rüdiger comenta: “Para ele [Lemos], a técnica pode e deve ser vista como o elemento definidor do modo de vida moderno, desde que não se perca de vista os conteúdos simbólicos (não técnicos, diríamos) com os quais ela se associa ao longo de nossa história” (Rüdiger, 2007, p. 89). De fato, o modo de vida foi alterado pela técnica moderna. E, com o passar dos anos, cada vez mais ela tem se apresentado como definidora no modo de pensar, de agir e de ser no mundo. Rüdiger continua:

Conforme seu esquema, o fenômeno técnico passa por três fases, cada qual portadora de um conteúdo (cultura) específico. Na etapa primitiva, esse é a magia. Na fase antiga, sugeriríamos, aquele é mítico. Na modernidade, trata-se, continua o autor [Lemos], da tecnocultura, entendida por ele [Lemos] como razão científica aplicada. Atualmente, enfim, no contexto da chamada era pós-moderna, aparece uma nova forma de sociabilidade: a cibercultura é o conteúdo da tecnocultura (Rüdiger, 2007, p. 89).

O avanço histórico da técnica está marcado pelo aspecto mais humano possível: a cultura. A cultura vai ser considerada e até mesmo produzida de forma diferente de acordo com o momento em que a humanidade se encontra. São fenômenos possíveis e passíveis de serem observados e analisados. Na atualidade, então, a humanidade estaria produzindo uma

cultura digital ou virtual, a tecnocultura. Dentro dessa, encontra-se a cibercultura da internet com todos seus elementos. Nesse sentido, Rüdiger continua comentando: “Lemos afirma que a cibercultura é o resultado de uma reunificação da ciência com a cultura, e vice-versa, conforme as separou o projeto tecnocrático moderno” (Rüdiger, 2007, p. 91). Ciência e cultura, cultura e ciência gerando a cultura do ser humano pós-moderno, a cibercultura. Sobre tal fenômeno Rüdiger (2007, p. 91) escreve:

Pensamos que é um avanço ver no fenômeno um “fruto da cultura” e de “novas formas de relação social”, mas para tanto não se pode passar por alto a origem, caráter e sentido dessas últimas (as relações sociais). Noutros termos, não se pode dispensar uma reflexão histórica sobre suas conexões concretas, sob pena de não se saber se são essas relações que explicam a cibercultura, ou é a cibercultura que as explica no tocante ao significado histórico.

A humanidade encontra-se, então, num momento histórico de muita complexidade. Onde, na realidade, se está diante de um paradoxo da experiência do ambiente digital e das relações humanas tão marcadas pelo primeiro. O que explicaria o quê? Para uma melhor compreensão do fenômeno, deve-se fazer a análise ou observação partindo do ambiente digital? Ou das relações sociais sendo estas mais antigas para as redes sociais no ciberespaço? É justamente por tal complexidade que Francisco Rüdiger chama a atenção para uma análise fenomenológica deste momento do ser humano pós-moderno. Porque não existe um sentido único e correto para a melhor compreensão, mas vai depender de diversos fatores que se dão na consciência do indivíduo enquanto existente na era digital.

Francisco Rüdiger continua comentando o livro “Cibercultura, tecnologia e vida social” de André Lemos: “Como dizia André Lemos, as tecnologias de comunicação contemporâneas promovem a cibercultura porque potencializam, em vez de inibir, as situações lúdicas, comunitárias e imaginárias da vida social” (RÜDIGER, 2007, p. 93). Acontece, assim, a potencialização da própria imaginação e abstração humanas. Passam a ser vistas, então, como algo positivo, sendo uma expansão da própria humanidade e das suas experiências de forma até mesmo cada vez mais ilimitada. E, segundo Rüdiger:

Por um lado, verifica-se o triunfo do imaginário capitalista, da ideia de expansão ilimitada de um pretenso domínio racional sobre a existência.



De outro, ocorre o apagamento ou atrofia da outra grande significação imaginária dos tempos modernos: a da autonomia política, social e individual (Rüdiger, 2007, p. 155).

Numa outra passagem do mesmo livro “Introdução às teorias da cibercultura: tecnocracia, humanismo e crítica no pensamento contemporâneo”, Rüdiger (2007, p. 95) escreve:

A vontade de descobrir no elemento espontâneo e criativo da cibercultura um antídoto contra a frieza racional do mundo maquinístico corre o risco de se tornar uma publicidade cultivada à sombra do poder tecnológico. O reconhecimento daquele primeiro elemento precisa estar alerta para essa armadilha, se é para não cairmos numa celebração do espírito do tempo complementar à mitologização da tecnologia que emana, há séculos, do nosso próprio processo histórico universal.

Interessante que há na humanidade, ao se deparar a todo momento com a frieza das máquinas ou dos aparelhos das novas tecnologias, um desejo de escapar disso. O ser humano enquanto ser-aí é criador de mundos pela linguagem e pelas tonalidades afetivas. Os afetos fazem parte daquilo que se considera propriedade do ser humano. Aquilo que no senso comum e popularmente é chamado de “calor humano”. Esse, por sua vez, não pode ser encontrado na dimensão mais empírica da tecnologia. A partir disso, podemos ler o que Rüdiger (2007, p. 145) escreve:

Pensar a tecnologia como uma forma de potencialização material da imaginação, a cibercultura como articulação de um imaginário tecnológico, da dialética entre mito e razão, entre utopia e racionalidade, sem perder o espírito crítico a respeito de suas respectivas fantasias (do racionalismo e da mitologia) e sem abdicar de uma análise concreta de seu respectivo contexto social-histórico: eis, segundo nos parece, a tarefa central que, vendo bem, coloca-se com o tempo à reflexão crítica sobre o alcance, o sentido e as tendências da nova cultura tecnológica. Desenvolver uma reflexão nesse sentido é estabelecer uma relação crítica e dialética, ao mesmo tempo livre e consciente da nossa crescente dependência em relação à tecnocultura contemporânea.

A proposta está posta sobre a mesa. Apesar da proposta fenomenológica de autores como Francisco Rüdiger não é possível retirar os aspectos dialéticos sempre presentes. Desenvolver tal reflexão à luz da analítica fenomenológica existencial já colocada por



Martin Heidegger na terceira década do século XX implica justamente analisar todos os elementos presentes na relação entre a técnica e o ser humano. Elementos como a dialética e social-histórico para, então, chegar ao cerne de uma problemática inicial, a dependência afetiva da humanidade para com os aparelhos e o ambiente digital. Esses que, por sua vez, lhe devolve culturalmente um modo de ser no mundo. Eis a célebre afirmação de Martin Heidegger: “Assim também a essência da técnica não é, de forma alguma, nada de técnico” (Heidegger, 2012, p. 11). Rüdiger escreve parafraseando: “O sentido da técnica não está nela mesma, mas no processo de criação social sustentado pela coletividade. O problema ou questão da técnica, surgido nos tempos modernos, não provem da própria técnica” (Rüdiger, 2007, p. 152). E, sobre o modo de compreender a tecnocultura, Rüdiger continua:

Dessa maneira, a tecnocultura contemporânea corresponde a um momento histórico em que, pensando corretamente, menos desaparecem as significações metafísicas do que se pretende – enganosamente – que elas possam se tornar cada vez mais funcionais e mecânicas, puramente técnicas e operatórias. Nesse sentido, a tecnologia poderia ser vista como expressão do império da vida social privada de alma ampliada ao conjunto da existência coletiva, como uma vez sugeriu Heidegger (Rüdiger, 2007, p. 156).

O autor chama atenção para o fato de que há uma tentativa mesmo que inconsciente de desprender a tecnologia contemporânea de todo tipo de conceitos abstratos. O que também está em jogo diante do mercado econômico de propaganda capitalista é que quanto mais palpável, quanto mais empírico, melhor. Funcionalidade e praticidade são palavras adotadas por todas as empresas que produzem as novas tecnologias. Mas isso pode ser um engano. Uma vez que há essa relação dialética entre a técnica e o ser humano, da mesma força que a tecnologia influencia diretamente e como o ser-aí foi existencialmente analisado em *Ser e tempo* (Heidegger, 2006), inclusive, atualmente, na problemática da formação da identidade, as novas tecnologias, o ambiente digital, sendo também pouco a pouco modificado aos moldes dos sonhos e possibilidades imaginárias do ser humano. Como se fosse esse espelhamento ou ampliação da alma do indivíduo que se vê realizando tudo aquilo que colocou nas ficções científicas do século XX. O professor Rüdiger continua:

Assim, conviria que, sempre que possível, empregássemos o termo



imaginário com o máximo de cautela, a fim de evitar suas implicações metafísicas no plano do discurso reflexivo. Existem termos mais neutros, como o faz o próprio autor em juízo neste capítulo, ao falar em “significações” (imaginárias) ou “criação histórica” (coletiva). Para dar conta da porção não empírica da coisa, pode-se por sua vez empregar de forma crítica e reflexiva a palavra “metafísica”, como o faz Heidegger (Rüdiger, 2007, p. 158).

Seria possível mesmo evitar as implicações metafísicas? Para Heidegger, não. O imaginário (individual), a criação histórica (coletiva), implicações/significações são todos conceitos que podem ser usados em vez da palavra metafísica. Essa, por sua vez, assim como todos os outros conceitos, devem ser empregados com todo cuidado e cautela. Deve ser respeitada a linguagem como expressão da escuta do ser, mas principalmente para não perder de vista a capacidade do ente privilegiado o ser-aí de crítica e reflexão.

De fato, como entende Heidegger num texto famoso intitulado *Serenidade* (*Gelassenheit*), o “pensamento que calcula” não é o mesmo que um “pensamento que medita” ou não é um pensamento que “reflete” sobre o sentido de tudo quanto é e existe. Segundo Heidegger (2000, p. 13):

O pensamento que calcula (*das rechnende Denken*) faz cálculos. Faz cálculos com possibilidades continuamente novas, sempre com maiores perspectivas e simultaneamente mais econômicas. O pensamento que calcula corre de oportunidade em oportunidade. O pensamento que calcula nunca para, nunca chega a meditar. O pensamento que calcula não é um pensamento que medita (*ein besinnliches Denken*), não é um pensamento que reflete (*nachdenkt*) sobre o sentido que reina em tudo o que existe.

Existem, portanto, dois tipos de pensamento, sendo ambos à sua maneira, respectivamente, legítimos e necessários: o pensamento que calcula e a reflexão (*Nachdenken*) que medita.

Não é apenas a formação da identidade, ou a influência de um modo de pensar e de ser no mundo que é atingido pela essência da técnica (*Ge-stell*). Mas também a memória e tantas outras capacidades humanas. Entretanto, no caso da memória é interessante analisar que, se antes o ser humano deveria usar toda sua capacidade racional para acessar o castelo da memória, hoje nas redes sociais existe algo que se chama “recordações” (Desmurget, 2021, p. 162). Ficam salvas fotos e postagens que uma pessoa possa ter feito e, quando se completa um ano, estas recordações aparecem para o usuário. Ou seja, de ano em ano, essas

recordações reaparecem nas e das redes sociais.

Contudo, a grande questão que está em jogo é uma questão metafísica? Há uma substituição de um processo físico, químico, neurológico pelo algoritmo presente no virtual. Este algoritmo está fazendo a função que é a do cérebro. Em outras palavras, a substituição da parte cognitiva por algo técnico. E, às vezes, pode ser que seja algo que o indivíduo não deseja se lembrar, que propositalmente na sua devida função cognitiva protetora tenha guardado daquele evento no inconsciente. Mas a rede social faz questão de agir no lugar da função que antes era único e exclusivamente do cérebro humano.

Estudos realizados por Michel Desmurget, neurocientista francês diretor de pesquisa do Instituto Nacional de Saúde da França, apontam que houve na humanidade um pequeno declínio do QI – quociente de inteligência (Desmurget, 2021, p. 24). Isso por dois motivos principais: primeiro, por dormir menos e mal. No mundo capitalista, os indivíduos têm de produzir mais e sempre, gasta-se mais tempo trabalhando ou se deslocando de casa para o trabalho. Se dividir entre estudar e trabalhar, principalmente entre os mais jovens na faixa de dezoito e vinte e cinco anos, têm dormido cada vez menos e com uma qualidade menor do que dormiam no passado (Moromizato *et al.*, 2017, p. 502). O segundo motivo é o excesso de telas. Televisão, computadores, tablets e celulares. De acordo com uma pesquisa realizada pela Global Mobile Consumer Survey, em 2017, com jovens entre 18 e 24 anos, 45% dos entrevistados disseram que checam as notificações do celular até mesmo durante a madrugada, hábito este que pode ser muito prejudicial à saúde. O excesso e até mesmo a dependência – como já foi exposto nas páginas acima – podem acarretar maior número de ansiedade, estresse, TDAH (Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade), entre outras patologias (Desmurget, 2021, p. 152). Além da própria distração proposta no mundo digital em que se fica mais tempo online do que estudando ou lendo algo para a própria retroalimentação de conhecimento e estímulo cerebral. Além, é claro, de que, com toda a vida agitada do século XXI, estar com o celular na mão tornou-se sinônimo de descanso. E, ao deitar-se na cama, se demora cada vez mais para dormir pelo tempo em que a pessoa se dedica aos aparelhos de smartphones, afetando o tempo e qualidade de sono que é o primeiro ponto (Desmurget, 2021, p. 156-157; Kirchner; Vicente Junior, 2022, p. 699-704).



Portanto, faz-se mais que necessário analisar e estudar estes fenômenos produzidos pela técnica moderna, chamada hoje de tecnologia e de ambiente digital. E de como todos esses eventos produzidos pela essência da técnica (*Ge-stell*) afeta o ser humano. A proposta feita por Francisco Rüdiger – dentre outros pesquisadores do pensamento heideggeriano na atualidade – não seria possível sem uma base a partir da hermenêutica de uma analítica fenomenológica existencial do filósofo Martin Heidegger (Heidegger, 2006).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se perceber que a *Ge-stell* (armação, dis-ponibilidade) da técnica se faz presente nas novas tecnologias e no ambiente digital, contudo, numa proporção ainda maior do que quando Heidegger realizou e propôs sua análise da questão da técnica ao longo do século XX, sendo que devemos ter presente aqui todo o contexto da Segunda Guerra Mundial e o que sucedeu nas décadas seguintes. Se o pensar tecnológico forçou a humanidade a pensar as estruturas e relações sociais de uma forma diferente, no século XXI, então, sua dinâmica e efeitos são imensuravelmente superiores.

É próprio da técnica instrumentalizar ou objetificar. Por sua vez, durante séculos a técnica levou a humanidade a instrumentalizar a natureza e seus recursos atingindo consequentemente, o olhar do ser humano sobre ele mesmo enquanto um ente também de dis-ponibilidade e dis-posição (*Ge-stell*). A primeira consequência que se percebe é que já não se tem mais uma humanidade que se reconheça como existente no tempo e na história, como aquele que é um ente privilegiado, seja pela própria relação social ou com os demais entes, seja pela própria capacidade reflexiva do pensamento criativo e poético principalmente (Heidegger, 1998, p. 79-83). Se Heidegger tivesse cruzado a linha para o terceiro milênio, muito provavelmente diria que agora se está vivendo a dominação da técnica e do pensamento tecnológico em sua plenitude como ele havia proposto preconizado.

Tratando-se das novas tecnologias e do ambiente digital a *Ge-stell* encontra-se hoje – enquanto dominação – num grau muito superior. Nota-se nas novas gerações uma conexão ontológica com esses recursos e agora a dominação acontece da tecnologia para o ser humano enquanto ente privilegiado, em termos heideggerianos. Especificamente, o

ambiente digital, dos mais variados nomes que se possa dar a isso, torna-se na sociedade contemporânea o *ethos* – o ambiente formador das novas gerações. Ele molda e forma a maneira de agir, de pensar, de falar, de se divertir, afetando todas as esferas da realidade humana. Fenomenologicamente, é necessário sempre fazer uma análise de como essa experiência se dá para cada indivíduo na sua particularidade e peculiaridade existencial. Mas, grosso modo, fica cada vez mais nítido e evidente como a grande maioria das pessoas que usam frequentemente os dispositivos eletrônicos ou as redes sociais são atingidas ou acometidas, seja pelo vício seja pelas patologias psicossomáticas desenvolvidas a partir desta relação dominadora da *Ge-stell*.

Além de todos esses malefícios, há o mais preocupante de todos: a perda da própria identidade. Quando se pode viver de várias formas ou como se tivesse várias vidas, já não se sabe mais quem é, do que realmente gosta ou não e até que ponto é determinado pelo que é dado pela *Ge-stell* presente todos os dias nas telas do celular. Temos, então, o chamado pós-humanismo? Um humano multifacetado nas múltiplas realidades existentes no ambiente digital. E que, ao tentar sanar esta disparidade do ente humano, cada dia cria-se algo novo em que ele possa se encontrar por inteiro não “aqui”, mas “lá” no digital. De fato, hodiernamente, a internet e o metaverso propõem e proporcionam toda uma vida imergida e vivida dentro da realidade digital. Um exemplo notório, por mais que já constitua uma realidade cotidiana na atualidade, é descrita pelo geógrafo sino-americano Yi-Fu Tuan (1930-2022) nestes termos:

O declínio da distância também afeta o lugar e a vida social. Considere o seguinte cenário: estou sentado sozinho em uma cafeteria quando três jovens mulheres entram tagarelando como de costume. Elas vão ao balcão, compram cafés, e acham uma mesa para sentar. Gosto de escutar os jovens e estou ansioso para ouvir suas conversas. Mas não tenho sorte, porque cada mulher segura um iPhone em suas mãos e imediatamente se curvam sobre ele para mandar mensagem a um amigo em outra parte da cidade. Acerca da profundidade da ligação, apesar dos joelhos das garotas se tocarem sobre a mesa, elas não prestam a menor atenção uma à outra como seres humanos de carne e osso. Porque elas se importam em estar juntas não está claro. Também não está claro para mim sobre o que elas vão conversar quando saírem do local. Tendo apenas mandado mensagens para amigos em outras partes da cidade ou ainda mais longe, que tipo de fofoca elas podem compartilhar? (Tuan, 2014, p. 10).



Aparentemente, o pós-humanismo seria a total virtualização do ente humano e de todos os entes enquanto des-encobrir da própria realidade. Para Heidegger, este caminho é contrário à existência humana que é, sempre já e de algum modo, ser-aí, pois é próprio da existência humana ser um ente que se movimenta e projeta sempre já para fora (*ex-siste*), razão pela qual Martin Heidegger reserva o verbo *ex-sistir* única e propriamente ao modo de ser do ente humano enquanto ser-aí:

Em geral, pode-se definir a ciência como o todo de um conjunto de fundamentação de proposições verdadeiras. Essa definição não é completa nem alcança o sentido de ciência. Como atitude do homem, as ciências possuem o modo de ser desse ente (homem). Apreendemos terminologicamente esse ente como *ser-aí*. [...] Entendemos a existencialidade como a constituição de ser de um ente que existe. [...] É por isso que se deve procurar, na *analítica existencial do ser-aí*, a *ontologia fundamental* de onde todas as demais podem originar-se (Heidegger, 2006, p. 47-51).

Assim, nesse movimento de estar lançado no mundo, este ente que, em certo sentido, já existia mesmo antes do seu próprio nascimento, continuará a existir depois de sua morte na medida que a existência é sempre vista e compreendida de maneira compartilhada com outros seres humanos. Assim, essa modalidade de ser torna-o antropologicamente um ser capaz de mundo e que, em sua multiplicidade, carrega várias dimensões fundamentais como a cultura, a linguagem, a historicidade, a ética, a finitude, a historicidade, dentre outras. Por isso, é necessário para Heidegger realizar uma ontologia fundamental, uma analítica existencial para uma melhor compreensão do ser do ente e das manifestações do ser (Kirchner, 2022, p. 115-131).

Finalmente, no intuito de sempre de novo provocar novas possibilidades de reflexão ao que aqui foi proposto, sugerimos alguns questionamentos realizados pelo geógrafo sino-americano Yi-Fu Tuan numa conferência dada por ele virtualmente para uma plateia brasileira em 2013:

Uma intimidade resfriada, um afrouxamento dos laços, uma maior “leveza de ser”, nesse sentido, uma coisa boa, já que tende a nos prover maior autonomia e liberdade, mas não há um lado ruim no sentido de diminuição do compromisso, diminuição da lealdade, não apenas aos lugares, mas também aos indivíduos humanos? Estou velho, então esta questão tem,



para mim, um interesse amplamente teórico. Mas para os jovens, não é uma questão teórica, uma vez que vocês vão viver sob esta tendência e podem influenciá-la. Então, o que vocês pensam? E quando tiverem dado a devida atenção, o que pretendem fazer? (Tuan, 2014, p. 13).

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **A modernidade líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BUENO, Alexandre. **Vício em games será considerado transtorno de saúde mental**. Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Site <https://www.medicina.ufmg.br/vicio-em-games-sera-considerado-transtorno-de-saude-mental/>. Acesso em 03 de fevereiro de 2024.

DESMURGET, Michel. **A fábrica de cretinas digitais: os perigos das telas para nossas crianças**. Tradução de Mauro Pinheiro. São Paulo: Vestígio, 2021.

DOMINGUES-CASTRO, Mariana S.; TORRES, Albina R. “*Hikikomori*: revisão sobre um grave fenômeno de isolamento social”. In: **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, volume 68, número 4, p. 264-272, 2018.

HAN, Byung-Chul. **No enxame: perspectivas do digital**. Tradução de Lucas Machado. Petrópolis: Vozes, 2018.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade paliativa: a dor hoje**. Tradução de Lucas Machado. Petrópolis: Vozes, 2021.

HEIDEGGER, Martin. **Ensaio e conferências**. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Bragança Paulista: Edusf; Petrópolis: Vozes, 2006.

HEIDEGGER, Martin. **Serenidade**. Lisboa: Instituto Piaget, 2000.

HEIDEGGER, Martin. **Caminhos de floresta**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1998.

HEIDEGGER, Martin. **Contribuições à filosofia**. Rio de Janeiro: Via Verita, 2015.

KAMPPFF, Vânia. **Heidegger e o outro pensar: uma leitura de Que chamamos pensar?** Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Reflexão, 2017.



KIRCHNER, Renato. Da existencialidade como “essência” do ser-aí humano. In: MILHANO, Ângelo; HENRIQUES, Fernanda; CHOHI, Laiz; PROVINCIAATTO, Luís Gabriel (org.). **Entre mundos: Liber amicorum para Irene Borges Duarte**. Lisboa: Colibri, p. 115-131, 2022.

KIRCHNER, Renato; VICENTE JUNIOR, Arlindo José. “HAN, Byung-Chul. Sociedade paliativa: a dor hoje”. In: **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, volume 82, número 323, p. 699-704, 2022.

LE MOS, André. **Cibercultura, tecnologia e vida social**. Porto Alegre: Sulina, 2002.

MOROMIZATO, Maíra Sandes; FERREIRA, Danilo Bastos B.; SOUZA, Lucas Santana M. LEITE, Renata Franco; MACEDO, Fernanda Nunes; PIMENTEL, Déborah. “O uso de internet e redes sociais e a relação com indícios de ansiedade e depressão em estudantes de medicina”. In: **Revista Brasileira de Educação Médica**, volume 41, número 4, p. 497-504, 2017.

RÜDIGER, Francisco. **Elementos para a crítica da cibercultura: Sujeito, objeto e interação na era das novas tecnologias de comunicação**. São Paulo: Hacker, 2002.

RÜDIGER, Francisco. **Martin Heidegger e a questão da técnica: prospectos acerca do futuro do homem**. Porto Alegre: Meridional/Sulina, 2006.

RÜDIGER, Francisco. **Introdução às teorias da cibercultura: tecnocracia, humanismo e crítica no pensamento contemporâneo**. 2. ed. revista e ampliada. Porto Alegre: Sulina, 2007.

RÜDIGER, Francisco. **Cibercultura e pós-humanismo: exercícios de arqueologia e criticismo**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

RÜDIGER, Francisco. **As teorias da cibercultura: perspectivas, questões e autores**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2013.

RÜDIGER, Francisco. As redes e a armação: Da cultura do narcisismo ao fetichismo tecnológico. In: LOPES, Maria Immacolata Vassallo de Lopes e KUNSCH, Margarida Maria Krohling (org.). **Comunicação, Cultura e Mídias Sociais**. São Paulo: ECA-USP, 2016.

TUAN, Yi-Fu. “Space and place 2013 / Espaço e lugar 2013”. **Geograficidade**, volume 4, número 1, p. 4-13, 2014.